





A EXPERIÊNCIA PURA EM NISHIDA COMO CONHECIMENTO IMEDIATO DA REALIDADE

Lucas Emanuel Salvino Murata¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6694-9188>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.2.9780>

RESUMO: Este artigo tem como finalidade analisar o conceito de experiência pura desenvolvido por Nishida Kitaro, que marca o início da filosofia moderna no Japão e fundamenta a Escola de Kyoto. O conceito, apresentado no *Ensaio sobre o bem* (1911), propõe uma abordagem ontológica baseada na experiência direta, anterior à divisão entre sujeito e objeto. Nishida rejeita o dualismo tradicional da filosofia ocidental, bem como as visões fisicalistas e idealistas, propondo uma realidade unificada. O artigo também discute as influências de William James, que compartilha a perspectiva de uma filosofia centrada na experiência imediata, e explora as implicações do não-dualismo para a compreensão da realidade. Assim, Nishida oferece uma alternativa ao pensamento metafísico ocidental.

Palavras-chave: Experiência Pura; Nishida Kitaro; Não-dualismo; Realidade; Escola de Kyoto

ABSTRACT: This article aims to analyze the concept of pure experience developed by Nishida Kitaro, which marks the beginning of modern philosophy in Japan and underpins the Kyoto School. The concept, introduced in the *An Inquiry into the Good* (1911), proposes an ontological approach based on direct experience, prior to the subject-object division. Nishida rejects the traditional dualism of Western philosophy, as well as both physicalist and idealist views, proposing a unified reality. The article also discusses the influences of William James, who shares the perspective of a philosophy centered on immediate experience, and explores the implications of non-dualism for understanding reality. In this way, Nishida offers an alternative to Western metaphysical thought.

Keywords: Pure Experience; Nishida Kitaro; Non-dualism; Reality; Kyoto School

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui graduação em Filosofia pela mesma instituição. Bolsista CAPES no âmbito do mestrado. Tradutor das obras de Nishida, publicada pela Editora PHI. Desenvolve pesquisas relacionadas a filosofia da Escola de Kyoto.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

A experiência pura (純粹經驗, *junsui keiken*) é o primeiro conceito filosófico de Nishida Kitaro e é reconhecido por ter inaugurado a filosofia moderna no Japão, além de dar origem à Escola de Kyoto. Nishida discute esse conceito em seu *Ensaio sobre o bem*², publicado em 1911, onde estabelece a experiência pura como o fundamento da realidade. Através dessa noção, ele rejeita veementemente tanto a visão fisicalista³ da realidade quanto a idealista⁴. Assim, em vez de basear sua ontologia em um dos extremos opostos — o puramente objetivo (matéria) ou o puramente subjetivo (mente) —, Nishida constrói o seu alicerce ontológico naquilo que é anterior à divisão sujeito-objeto: a experiência tal como ela é.

O *Ensaio sobre o bem* foi escrito no início do século XX. Essa época foi marcada por uma inquietação visível na filosofia. Os eventos históricos típicos desta época parecem causar intranquilidade no mundo intelectual, como Arisaka (1990, p. 143) observa: “O início do século XX foi um tempo de crescente crise no mundo intelectual europeu”. Na Europa, os flagelos das guerras fizeram Husserl falar de crise: “Renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente” (Husserl, 2014, p. 3). Ao mesmo tempo, no Japão, a Era Meiji⁵ trouxe consigo a agitação da modernização, questionamentos sobre identidade e tradição, e a devastação causada por conflitos internos e externos. Todavia, é nesse contexto de crises que testemunhamos o despertar

² 善の研究 (*zen no kenkyū*), primeira obra pública de Nishida e é frequentemente considerada *magnum opus* do pensador.

³ Estamos considerando como fisicalismo (também conhecido como materialismo) aqui uma abordagem monista que identifica a matéria como substrato fundamental de toda realidade. Essa perspectiva metafísica sustenta que tudo no universo é físico ou que toda existência depende ou é condicionada pelo físico, conforme explica Stoljar (2009).

⁴ Apesar de várias variantes do idealismo, aqui estamos considerando a sua forma genérica: abordagem monista que identifica a mente como substrato fundamental de toda realidade

⁵ 明治時代 – O período Meiji (1868–1912) no Japão marcou uma intensa fase de modernização, governada pelo imperador Meiji. Durante esse período, Japão se transformou em uma das potências mundiais, destacando-se por sua abertura para o Ocidente. Antes desse período, o país era praticamente isolado do exterior. Uma das características mais significativas da Era Meiji foi a abertura do Japão para influências ocidentais, envolvendo não apenas trocas comerciais, mas também a importação de ciência, técnicas, costumes e filosofia ocidental. Essa abertura teve um impacto profundo na cultura e na sociedade japonesa, moldando a trajetória do país rumo à modernização e internacionalização.



dos filósofos. William James, compartilha este sentimento que permeava o mundo intelectual da sua época:

É difícil não perceber uma curiosa inquietação na atmosfera filosófica da época, um afrouxamento dos velhos marcos, uma suavização das oposições, um empréstimo mútuo entre sistemas antes fechados e um interesse por novas sugestões, por mais vagas que sejam, como se a única coisa certa fosse a inadequação das soluções tradicionais das escolas. (James, 1904, p. 533)

Este despertar filosófico, motivado pelas circunstâncias de crise, direciona os pensadores para os acontecimentos da vida, como é destacado por James: “A vida é confusa e superabundante, e o que a geração mais jovem parece desejar é mais do temperamento da vida em sua filosofia, mesmo que isso signifique sacrificar um pouco da rigorosidade lógica e da pureza formal.” (James, 1904, p. 533).

Com base nisso, o filósofo americano desenvolve uma metafísica completamente livre do arcabouço Aristotélico-Cartesiano. James denomina esta posição metafísica de Empirismo Radical, que significa, de acordo com Arisaka (1990, p. 174) “a reconstrução da metafísica com base na experiência. Essa mudança de paradigma exigia a derrubada das noções tradicionais de substância do sujeito e do objeto, nas quais o significado é imposto pelo sujeito ao caos da experiência.”. Dessa maneira, ele estabelece uma ontologia fundamentada na experiência. A inauguração de uma nova filosofia da experiência marca uma nova direção da filosofia no mundo: “A nova doutrina da experiência representou uma encruzilhada internacional importante no mundo da filosofia do início do século XX.” (Arisaka, 1990, p. 143, tradução nossa).

Nishida, juntamente com James, se torna um dos maiores expoentes dessa nova concepção da experiência. Ele absorve de James as influências filosóficas que lhe permitiram desenvolver, de forma original, a sua própria filosofia. Assim, a partir da radicalização da ontologia experiencial, Nishida desenvolve o conceito de 純粹經驗 (experiência pura⁶).

⁶ Nishida adota este termo do conceito de James. Contudo, o conteúdo do conceito é original e ele chamava, anteriormente, o mesmo conceito de fenômenos da consciência, como destacado por Kosaka (2022, p. 11).



Sob essa constelação de eventos, Nishida inicia o primeiro capítulo do *Ensaio sobre o bem* apresentando uma definição direta do conceito de experiência pura:

Experimental significa conhecer a realidade exatamente como ela é. É conhecer de acordo com os fatos, abandonando todos os nossos artificios. Pura significa — visto que geralmente o que entendemos por experiência já está misturado com algum pensamento — um estado da experiência desprovido de qualquer discernimento, isto é, refere-se verdadeiramente à experiência ela mesma. Por exemplo, é o instante em que vemos uma cor ou ouvimos um som, sem qualquer pensamento; nem pensamento de que isso seja efeito de algo externo; ou de que estamos sentindo algo. É anterior ao juízo sobre o que é essa cor ou esse som. Assim, a experiência pura é idêntica à experiência imediata. Quando se experimenta diretamente o estado da própria consciência, ainda não há sujeito ou objeto; o conhecimento e o seu objeto estão unificados. E isso é o apogeu da experiência. (NKZ⁷ 1, 9, tradução nossa).

Tendo, portanto, em consideração que para Nishida a realidade é a experiência pura, iremos analisar, neste capítulo, a natureza da experiência pura, como apresentado pelo Nishida. Para tanto, iremos abordar estes quatro aspectos fundamentais do conceito de experiência pura, da forma como é elaborado pelo filósofo: (1) a motivação e método filosófico; (2) o conhecimento; (3) o instante; (4) e o não-dualismo.

1 A motivação filosófica e o método de investigação empregada por Nishida na elaboração do conceito de experiência pura

Nishida expressa, no prefácio do *Ensaio sobre o bem*, que deseja explicar a realidade unicamente através da experiência pura (cf. NKZ 1, 4). Dessa forma, a sua abordagem é completamente empírica: ele direciona todo o seu foco para a crueza da experiência vivida, isto é, a experiência em si. Essa abordagem empírica segue a linha do ensinamento zen⁸, que dedica

⁷ No decorrer do presente artigo, ao citar textos de Nishida, iremos utilizar esta abreviatura para referenciar *Nishida Kitarō Zenshū* (Obras completas de Nishida Kitarō). Para a presente pesquisa, foi utilizada a segunda edição das obras completas originais, publicadas pela editora *Iwanami Shoten* em 1965 e 1966, compostas por 19 volumes. O número que segue NKZ refere-se ao volume, seguido, posteriormente, da página da citação.

⁸ Vale destacar que Nishida foi praticante do zazen por 10 anos no período que antecede a escrita do *Ensaio sobre o bem*



cuidadosa observação ao momento presente, à experiência de vida em seu estado mais puro, antes que se cristalize em conceitos e se divida em sujeito (aquele que vivencia) e objeto (o vivenciado) (cf. Yusa, 2002, p. 19).

Acerca das suas motivações, é bem provável que Nishida tenha se iniciado na Filosofia em busca da resposta para a questão fundamental sobre a realidade. Por exemplo, nos *Fragmentos acerca da experiência pura*⁹, Nishida afirma que é atribuição da filosofia investigar a essência do universo (cf. NKZ 16, 283). A ciência, por sua vez, não se propõe a alcançar a compreensão mais aprofundada da realidade; esta tarefa pertence à filosofia (cf. NKZ 1, 48). Próprio Nishida revela que seu interesse pela filosofia teve origem, durante a sua juventude, a partir da leitura de *Uma conversação noturna sobre a Filosofia*, um livreto publicado por Inouê Enryō¹⁰ (cf. Shirai, 2012, p. 101). Esta obra, escrita na forma de um diálogo, centraliza-se na temática da metafísica. Inouê, ao concebê-la, tinha a intenção de criar uma filosofia pura, livre de qualquer viés budista, que era predominante entre os intelectuais japoneses da época (cf. Shirai, 2012, p. 105). O debate filosófico dessa obra gira em torno da questão metafísica do fundamento da realidade, onde cada discípulo procura defender a sua posição filosófica acerca do tema. Dado que esta obra marcou um dos primeiros encontros de Nishida com a filosofia, é plausível afirmar que seu interesse pela filosofia floresceu a partir desse debate. Embora Nishida não faça referência direta a Inouê, sua influência é evidente ao longo do *Ensaio sobre o bem*, como ressaltado por Shirai (cf. 2012, p.104 em diante);

Estabelecendo o ponto de partida da sua filosofia na questão *o que é realidade?* então, Nishida define um método investigativo para encontrar uma resposta segura para o seu empreendimento filosófico: **duvidar até não ter mais do que duvidar** (cf. NKZ 1, 47; NKZ 16, 283; NKZ 16, 378; NKZ 16, 567). Nesse sentido, Nishida sustenta que, para apreender a realidade em

⁹ No original: 純粹経験に関する断章. Estes fragmentos, 34 no total, estão no volume 16 das obras completas de Nishida e são anotações e pequenos textos iniciais de Nishida sobre a experiência pura que foram escritos no período entre 1904 a 1912 (cf. Zavala, 2012, p. 173). Daqui em diante, nos referenciaremos à essa obra como *Fragmentos*

¹⁰ 井上円了 (1858 - 1919) - apesar de pouco conhecido, foi predecessor de Nishida e um dos responsáveis pela recepção de filosofia ocidental no Japão da era Meiji. Além disso, teve grande influência na educação japonesa da época e foi uma das principais figuras no estabelecimento de budismo moderno no país.



sua essência, é crucial iniciar com o que é absolutamente seguro. Aqueles em busca do entendimento da realidade mais profunda são desafiados a questionar cada premissa existente. Esse processo envolve renunciar a todas as certezas prévias, adotando uma postura de ceticismo radical; é um mergulho naquilo que persiste mesmo depois de renunciar a tudo o mais. Ele salienta: “se deseja compreender a verdadeira realidade e conhecer a seriedade da vida celestial e terrena, deve duvidar tanto quanto possível, abandonar todas as suposições artificiais e buscar o conhecimento imediato como base, de modo que não haja mais dúvidas.” (NKZ 1, 47, tradução nossa).

Dito de outra maneira, Nishida procura fundamentar a sua filosofia sobre uma base indubitável, a partir da qual é possível desenvolver um pensamento desprovido de qualquer contaminação prévia de teorias pré-estabelecidas; e, essa certeza, tem como o critério inquestionável a **imediaticidade**. Sendo assim, nessa sua busca, Nishida identifica a base indubitável naquilo que ele entende como o conhecimento mais imediato possível, a saber: “o conhecimento que temos sobre o fato de nossas experiências intuitivas, ou seja, os fenômenos da consciência.” (NKZ 1, 48, tradução nossa). Em vista disso, podemos afirmar que a intenção de Nishida é assumir um método investigativo semelhante ao de Descartes: duvidar absolutamente de tudo com finalidade de encontrar ao menos uma certeza da qual é impossível duvidar. No entanto, vale destacar que, embora Nishida localize essa certeza na imediaticidade dos fenômenos da consciência, isso não significa que ele posiciona esta certeza na consciência (cf. Ueda, 1994, p. 54). Em outras palavras, Nishida não coloca a existência da consciência, enquanto consciência individual, como ponto de partida; mas os seus fenômenos. Ueda (1994, p. 55) ilustra isso com um exemplo do barulho do vento. Ao ouvir os ruídos do vento na consciência, não é a consciência que é a realidade imediata, como se fosse uma substância imutável; mas o ruído do vento enquanto fenômeno. Essa é a imediaticidade da qual Nishida utiliza exemplo semelhante no primeiro parágrafo do *Ensaio sobre o bem* ao afirmar que é o instante em que ouvimos um som ou vemos uma cor (cf. NKZ 1, 9).



Dessa forma, para desenvolver a sua filosofia fundamentada na imediaticidade do fenômeno da consciência, Nishida se empenha em eliminar a premissa da dualidade sujeito-objeto, rejeitando a substancialidade tanto da matéria quanto da mente¹¹: “A ideia de uma existência independente de mente e matéria é apenas uma suposição baseada nas necessidades de nosso pensamento, e sempre há espaço para duvidá-la.” (NKZ 1, 48, tradução nossa). Portanto, Nishida acredita que não podemos apreender a natureza exata da matéria (物其者- *mono sono mono* - a coisa em si), independentemente da consciência; da mesma forma que é impossível assumir a existência substancial da mente (心其者- *kokoro sono mono* - a mente em si) anterior à consciência (cf. NKZ 1, 48). Conseqüentemente, “a crítica epistemológica que Nishida leva adiante recusa-se, portanto, a assumir qualquer realidade além do fenômeno da consciência” (Itabashi, 2018, p. 99).

Tendo estabelecido, então, a eliminação destes dois pressupostos — o dualismo e a noção de substância — Nishida alcança o grau mais fundamental da sua certeza: a unificação dos fenômenos da consciência, onde ainda não ocorreu a separação entre o sujeito e o objeto. Este estado é o que ele chama de experiência pura, isto é, a realidade como ela é (cf. NKZ 1, 11). Assim, a certeza resultante da sua dúvida metódica, e que serve como ponto de partida para sua investigação filosófica, não é uma certeza de natureza epistemológica, lógica ou linguística. Ela difere da certeza que resulta da análise de um juízo: trata-se da certeza da experiência pura, compreendida enquanto única realidade.

Conclui-se, então, que o método adotado por Nishida no *Ensaio sobre o bem* é um ceticismo metódico, onde há um radicalismo no sentido de abandonar todas as pressupostos teóricos, que geralmente são aceitos, como a existência da matéria, da mente ou de um eu. Isto é, este ceticismo metódico leva Nishida ao puro fenômeno da consciência, anterior a qualquer simbolização; ou seja: leva-o ao fato da experiência como ele é dado.

¹¹ É importante destacar, contudo, que Nishida não nega a existência de matéria; nem da mente. O que ele recusa é a afirmação da existência independente (独在性) destas realidades; ou seja: de coisas enquanto coisa-em-si; e de mente enquanto mente-em-si. Em última instância, Nishida, seguindo tradição de pensamentos orientais, rejeita o conceito de substancialidade da metafísica ocidental.



Portanto, ao definir o ponto de partida para sua investigação filosófica, Nishida também oferece uma resposta preliminar à questão central da investigação: a experiência pura como o ato de conhecer a realidade em sua forma mais verdadeira (cf. NKZ 1, 9). Na próxima seção, exploraremos em detalhe o conceito de experiência pura conforme articulado por Nishida, desvendando as nuances desse conhecimento imediato e sua implicação para a compreensão da realidade.

2 A experiência pura como conhecimento imediato

Nishida inicia *Ensaio sobre o bem* com a seguinte frase: *experimental significa conhecer a realidade exatamente como ela é*. A esse respeito, Ueda reflete sobre a relação entre a realidade e o ato de conhecer em Nishida:

“Conhecer a realidade como ela é” significa que a realidade aparece como é, ou seja, os fatos aparecem como são em sua factualidade, e é disso que se trata o “conhecer como é”. O conhecimento não está separado do fato de que os fatos aparecem como são. Significa que os fatos aparecem como são e que, ao mesmo tempo, nós os conhecemos como aparecem. Nesse caso, “realidade como é” e “conhecer como é” são idênticos (Ueda, 1995, p. 89)

Ueda destaca que os fatos são dados como são; e é nesse momento que a experiência pura os conhece exatamente como se apresentam. Neste ponto, Hayashi (2011, p. 2) chama a atenção para um possível mal-entendimento ao interpretar a expressão *fatos tal como são*: ele ressalta que essa expressão não se refere apenas à atomicidade da percepção sensorial, como *sense datas*; em vez disso, abrange toda a realidade da consciência em sua totalidade.

Hayashi, portanto, reforça a posição de Ueda, afirmando que o ato de conhecer “não é um conhecimento de um objeto baseado na separação dualista de sujeito-objeto entre a ‘consciência de conhecimento’ e o ‘que é conhecido’” (2011, p. 4). De forma contrária, afirma que o objeto que é conhecido e o sujeito que conhece são idênticos. Isso significa que conhecer a realidade como ela é equivale à própria realidade, e *a realidade como é* é, em si, o ato de conhecer.



Essa ideia remete a uma frase de Nishida, no nono capítulo da segunda parte do *Ensaio sobre o bem*, que destaca o princípio fundamental da não-dualidade entre o sujeito e o objeto na experiência pura: “quando conhecemos uma coisa, isso significa simplesmente que o eu é idêntico a essa coisa. Quando você vê uma flor, você se tornou essa flor.” (NKZ 1, 70, tradução nossa). Com isso, ele enfatiza que, quando nos tornamos conscientes de algo, não há separação entre eu e objeto da experiência. O sujeito se torna um com o objeto, revelando uma unidade inseparável no campo da realidade. Ainda acerca disso, Nakamura (2019, p. 30) salienta que este conhecer é um conhecer sem o sujeito: este sujeito, no instante do conhecer, é um não-sujeito.

Nishida observa que, ao formular juízos sobre a experiência, como quando tentamos descrever ou analisar uma flor, começamos a introduzir a separação sujeito-objeto. Esse processo de conceitualização e análise pode nos afastar da realidade em sua pureza original, uma vez que criamos categorizações que não existem na realidade apreendida pela experiência pura. Então, este conhecimento, proveniente da experiência pura, é o conhecimento imediato anterior a qualquer juízo, incluindo o juízo que possibilita a formulação de um eu que pensa ou daquilo que é pensado: são os fenômenos da consciência, anterior ao próprio ato de conhecer.

Sobre este ponto, Zavala (2014, p. 254) chama a atenção para uma possível contradição de Nishida. A experiência pura, em uma das primeiras definições de Nishida, é “conhecer a realidade como ela é”, no entanto, ela é anterior ao conhecimento em si. Isto aponta para uma possível recursividade —um conhecer que antecede o conhecer. Contudo, como bem destacado pelo Zavala (2014, p. 254) o verbo japonês 知る (shiru), utilizado pelo Nishida, tem um sentido mais amplo que o fato de conhecer: ele pode significar perceber, sentir ou uma apreensão intuitiva, constituindo um conhecer noético. Assim, Nishida estabelece os fenômenos da consciência como algo indubitável, uma vez que ela é anterior até mesmo à possibilidade de duvidar, que geralmente pressupõe um conhecimento discursivo; isto é, uma análise posterior da experiência da consciência. Ohashi (2014, p. 297) sumariza isso ao dizer: “experiência pura é uma experiência anterior ao conhecimento que se desdobra em direção ao conhecimento a partir do



‘não conhecimento’”. Nesse sentido, podemos afirmar que aquilo que Nishida se refere como o conhecimento imediato, poderia ser chamado também de não-conhecimento.

No que concerne ao não-conhecimento, tido como a certeza fundamental em Nishida, Ohashi (2014, p. 295) apresenta algumas reflexões: (1) ele aponta que o “não conhecimento” difere do “desconhecimento” platônico, isto é, não se trata de ignorância enquanto um estado posterior ao conhecimento das ideias; (2) a tradição da filosofia oriental afirma que “é um ‘não conhecimento’ que se abre a partir da eliminação da característica do ego que fundamenta um saber que pressupõe a afirmação de si mesmo”, ou seja, “ela aparece em função da extinção do ego”; (3) por isso, a filosofia de Nishida é uma antifilosofia que tem como fundamento o “não-conhecimento” (p. 299).

Ainda no tocante ao conhecimento imediato, Itabashi (2021, p. 59) afirma que também é possível compreendê-lo como experiência intuitiva, ou ainda como o fato da experiência direta. Desse modo, pode-se deslocar este conhecimento imediato, da qual não há possibilidades de dúvida, para “os fatos originais e puros de nossas experiências diárias” (Itabashi, 2021, p. 59, tradução nossa). Portanto, de maneira semelhante à ideia de não conhecimento, a experiência intuitiva representa os fatos em sua forma mais pura, sem serem contaminados por nossos preconceitos culturais ou linguísticos.

Portanto, o conhecer imediato, para ele, sendo a experiência imediata, tem um lugar especial no plano ontológico, uma vez que possibilita apreender a realidade da forma como ela é. Dessa forma, através experiência pura, Nishida procura “apreender metafisicamente a real ou verdadeira existência” (Zavala apud Kōsaka, 2014, p. 256).

3 O imediato da experiência pura enquanto instante imediato

Outro aspecto que podemos observar no conceito de experiência pura, relacionado à sua imediatidade, é destacado por Nishida ao afirmar que a experiência pura, e por extensão a própria realidade, reside no **instante**. Ou seja, é a vivência no momento anterior à sua transformação em



um conceito denominado experiência. Ele salienta: “é o instante em que vemos uma cor ou ouvimos um som, sem qualquer pensamento; nem pensamento de que isso seja efeito de algo externo; ou de que estamos sentindo algo. É anterior ao juízo sobre o que é essa cor ou esse som.” (NKZ 1, 9, tradução nossa). Quando transformada em um conceito, a experiência perde sua pureza e o caráter de imediatismo do instante vivido. Ela é objetificada e conceitualizada de maneira abstrata, perdendo a sua crueza enquanto fenômeno apresentado de modo imediato à consciência. Como já mencionado anteriormente, podemos inferir que, Nishida defende, nesse sentido, que a realidade se refere ao estado imediato e não mediato da consciência: é a experiência sem nenhuma interferência de julgamento ou conceituação. Esta sua definição no início do *Ensaio sobre o bem* afirma que a experiência não é filtrada ou interpretada através de categorias ou conceitos; ela é vivenciada em sua forma mais direta e imediata.

No *Fragmento 1*, Nishida apresenta uma concepção semelhante ao que é encontrado no *Ensaio sobre o bem* ao afirmar que a experiência imediata é “o estado do instante de estar consciente” (NKZ 16, 273, tradução nossa); e diz também que “o estado do instante em que o *eu* se torna consciente da consciência do *eu*” (NKZ 16, 274, tradução nossa)

Todavia, nesta passagem podemos encontrar uma certa dificuldade interpretativa. A sugestão inicial transmitida por ela é a de que a experiência pura é fundada na atomicidade da percepção sensorial; nesse exemplo, da visão e da audição: isto é, a realidade (experiência pura) se confunde com a sensação atômica dos sentidos humanos. Contudo, na filosofia de Nishida, a própria ideia de percepção sensorial é uma aplicação racional de categorias, e, portanto, posterior à experiência pura. Nishida considera que ao conceitualizarmos a experiência, nós a distorcemos, nos afastando da imediaticidade, como afirma Ueda (1996, p. 76): “Pensar sobre a experiência já é tornar a experiência um objeto do pensamento. Ou seja, nesse pensamento já existe o quadro subjetivo-objetivo”.

Com isso, o destaque de Nishida nesta passagem não está exatamente na percepção do ver ou do ouvir; mas no seu instante (刹那, *setsuna*). Isto é, Nishida destaca a questão da temporalidade da experiência, e não do seu aspecto sensorial. Nishida nos convida, nesse aspecto,



a ver o tempo não como uma série de instantes isolados, mas como uma continuidade indivisível, onde passado, presente e futuro são aspectos de uma mesma realidade experiencial. Assim, neste estado, não há ainda a percepção de que a experiência é causada por algo externo (a ação de um objeto externo) ou mesmo a autoconsciência de que eu estou percebendo isso. Além disso, não se aplica ainda nenhum juízo sobre o que é a cor ou o som experienciado. Desse modo, para Nishida, não é o tempo que flui, mas é a consciência que flui (cf. Nakamura, 2019, p. 48).

Portanto, no instante da experiência pura, conforme conceituado por Nishida, essa divisão do sujeito e do objeto se dissolve. Há apenas a experiência unificada, onde sujeito e objeto não são separados pela racionalização. A experiência pura é anterior à reflexão e à categorização, um estado onde a realidade é vivenciada diretamente, sem a mediação de conceitos ou distinções. Portanto, a experiência pura de Nishida não é apenas sobre o que é visto ou ouvido; é sobre o instante de ser em um estado de unificação com o que é percebido, antes de qualquer divisão ou conceituação; ou seja, há uma interconexão fundamental na base ontológica da realidade.

Dado isso, podemos concluir que a experiência pura, no instante que é dado, é uno. É simplesmente um fato único (單純なる一事實). O instante da consciência é a unidade da consciência. Essa unidade é a realidade como ela é. Ao considerarmos a experiência em sua manifestação imediata, no seu instante, estamos diante da própria realidade; onde não há separação entre observador e observado, sujeito e objeto. Nesse contexto, a experiência pura reflete a unidade fundamental da existência. Nishida enfatiza que, nesse instante, a consciência não está fragmentada (cf. NKZ 1, 9; NKZ 16, 274); ela é inteira, uma unidade indivisível que reflete a verdadeira natureza da realidade. Acerca disso, Inoue (2005, p. 47) reforça essa afirmação ao dizer que *a realidade como ela é* trata-se dessa consciência imediata - a consciência do presente - onde todos os fenômenos da consciência se apresentam.

Ao afirmar que a realidade se manifesta como um fato presente, Nishida ressalta que mesmo a memória do passado, ao ser evocada, torna-se um fenômeno do presente. Portanto, a memória não é um fenômeno passado, mas sim uma experiência atual que, apesar de referenciar eventos anteriores, é vivenciada imediatamente no momento presente (cf. NKZ 1, 16).



4 O imediatividade da experiência pura e o não-dualismo

Após definir a experiência como conhecimento da realidade como ela é, Nishida prossegue com a afirmação: “É conhecer de acordo com os fatos, abandonando todos os nossos artificios” (NKZ 1, 9, tradução nossa). O termo artificios aqui, utilizado por Nishida, é 細工 (*saiku*) que literalmente significa artesanato, ou um trabalho manual realizado com detalhes. Nesse caso, o que Nishida propõe é a necessidade de rejeitarmos teorizações artificiais que foram construídas sobre a realidade. Nishida afirma mais adiante que “essas suposições são, em outras palavras, conceitos abstratos que surgiram para que o pensamento organizasse sistematicamente os fatos da experiência direta.” (NKZ 1, 52, tradução nossa). Portanto, qualquer teorização ou categorização que se siga à experiência representa uma deturpação, um obstáculo à verdadeira compreensão da realidade.

Esses artificios teóricos, como Nishida os chama, são falsos ídolos que precisamos superar para acessar a realidade tal como é; pois, aceitando-se os ídolos, aceita-se também os seus dogmas; e, assim, o conhecimento da realidade se distancia daqueles que os aceitam.

Dessa forma, estes artificios são construções teóricas sobre a realidade que, pelo fato de ser ela mesma uma construção, desvia o conhecimento direto e intuitivo da realidade em favor de um artesanato intelectual que nada diz sobre a realidade em si. Pelo contrário, estes são empecilhos para qualquer possibilidade de compreensão da realidade, que ao invés de ser teórica e linguística, é experiencial e imediata.

Ao desenvolver seus argumentos no *Ensaio sobre o bem*, Nishida é categórico ao identificar e rejeitar tais artificios que obscurecem o conhecimento fundamental da realidade. Ao defender a unidade sujeito-objeto; isto é, a não-dualidade, Nishida tem como objetivo fazer críticas a várias concepções filosóficas, tais como o dualismo, o idealismo, o fisicalismo e o substancialismo. Retomamos aqui tais críticas, destacando, em especial, sua abordagem crítica ao fisicalismo¹².

¹² Já durante a sua época, Nishida viu o fisicalismo como uma posição convencional entre os filósofos (cf. Ishigami, 2004, p. 15); principalmente com os avanços da neurologia e da psicologia fisiológica que posicionou a mente como



Nessa crítica, podemos encontrar Nishida radicalizando¹³ esta posição ao afirmar que “não é que a consciência esteja dentro do corpo, mas sim, o corpo está, na verdade, dentro da própria consciência.” (NKZ 1, 52, tradução nossa).

Ao discutir as teorias materialistas da mente em suas *Conferências sobre a Psicologia*¹⁴ (cf. NKZ 16, 98), Nishida chega a uma conclusão semelhante à que apresentou em *Ensaio sobre o bem*: “afirmar que o mental surge do material é apenas produto de uma dedução filosófica baseada na hipótese de que a matéria é a única existência” (NKZ 16, 98, tradução nossa). Em outras palavras, Nishida reforça que os fenômenos da consciência são anteriores ao cérebro, entendido aqui como uma estrutura puramente fisiológica.

Todavia, a posição predominante na filosofia e na ciência, é justamente oposta de Nishida: a consciência é produto da matéria; todos os fenômenos da consciência são derivação de uma série complexa de interação bioquímica no nível material, como Nishida reconhece: “acredita-se que nossos fenômenos de consciência sejam um tipo de fenômeno que acompanha o sistema nervoso dos animais no mundo físico” (NKZ 1, 52, tradução nossa). No entanto, Nishida considera esta suposição uma inversão de ordem, colocando a matéria como base da consciência; sendo que, na realidade, a consciência é base do mundo material.

Além desta crítica em relação à primazia do cérebro fisiológico — e, conseqüentemente, à primazia da matéria — Nishida passa a questionar o próprio conceito de matéria, a base do fisicalismo, que podemos sumarizar nestas duas perguntas: (1) como pensar a matéria em si? e (2) como pensar as propriedades da matéria?

produto do cérebro. Apesar de estar inserido neste contexto, Nishida, reitera a sua rejeição a esta posição: esta seria uma elaboração teórica artificial, posterior à experiência imediata; e, portanto, não é fiel à realidade em si

¹³ Vale observar que Nishida não faz críticas à posição fisicalista de uma forma infundada: ele teve contato com vasta literatura de posições fisicalistas da sua época, principalmente no âmbito da psicologia fisiológica. Nas Conferências sobre a psicologia, de 1904, por exemplo, Nishida demonstra um certo domínio de neurologia da sua época. No capítulo 3, intitulado *Mente e Matéria*, podemos encontrar o autor discorrendo sobre temas como sistema nervoso, fisiologia do cérebro e relação dos estímulos externos com a experiência (cf. NKZ 16, 97). Neste capítulo Nishida traz citações de neurologistas e psicólogos como, dentre vários outros, Ziehen, Gall, Flourens e Goltz

¹⁴ *心理学講義 (shinrigakukōgi)*: São textos utilizados por Nishida para as aulas ministradas por ele sobre psicologia, escritos em 1904, e estão presentes no volume 16 das obras completas de Nishida



No caso da primeira pergunta, Nishida questiona a possibilidade de matéria existir independentemente de qualquer forma de experiência: “mas que tipo de coisa seria essa que existe de forma independente e fixa fora da consciência?” (NKZ 1, 53, tradução nossa). De fato, essa é uma pergunta cuja resposta ainda não obtivemos em definitivo: o que é a matéria em si, que constitui, nessa posição, todo o fundamento da realidade? Seria razoável afirmarmos que as tentativas de explicar a matéria ocorrem sempre recorrendo às suas propriedades: massa, volume, estado, forma etc. Então, questiona Nishida: como podemos pensar as propriedades da matéria independente de experiência? Infelizmente Nishida não aprofunda muito na elaboração da resposta a esta pergunta; e, no contexto do *Ensaio sobre o bem*, ele apenas faz esta afirmação: “não podemos conceber as propriedades de um objeto separadamente dos fenômenos da consciência de forma rigorosa.” (NKZ 1, 53, tradução nossa). Isto é, para Nishida, não há propriedade primária da matéria cuja existência independe do observador que experimenta.

Prosseguindo nessa linha de pensamento, nem o tempo e o espaço são considerados fundamentais na filosofia de Nishida. Podemos observar o autor fazendo uma afirmação semelhante ao anterior no seu capítulo sobre a Natureza: “coisas como o espaço, o tempo e o movimento não podem ser considerados separados dos nossos fenômenos da consciência” (NKZ 1, 84, tradução nossa).

Tendo essas críticas em mente, Nishida questiona a compreensão científica tradicional da natureza, frequentemente vista como uma realidade objetiva. Ele utiliza o termo japonês 自然 (*shizen*) para natureza, que Ishigami (2004, p. 14) destaca inicialmente não ter sido um substantivo, mas mais comumente usado como adjetivo (自然な - natural) ou advérbio (自然に - naturalmente). Com isso, Ishigami quer mostrar uma compreensão menos substancial da natureza enquanto objeto da técnica, mas algo que é como é, sem nenhuma intervenção humana. Com o progresso da ciência e da tecnologia, contudo, “a palavra natureza passou a ser usada para se referir a um mundo objetivo e material que é separado de nós mesmos.” (Ishigami, 2004, p. 15, tradução nossa).



Nesse contexto, Nishida lança uma crítica incisiva à concepção científica da natureza, argumentando que, paradoxalmente, essa visão nos afasta do verdadeiro conhecimento da realidade: “[...] a natureza, no sentido mais estrito adotado pelos cientistas, é o resultado de levar esse pensamento ao extremo, sendo a entidade mais abstrata e, portanto, a mais distante da verdadeira essência da realidade. (NKZ 1, XX, tradução nossa)”

Em contraste com essa abordagem, Nishida apresenta uma proposta fundamentada na experiência pura, sugerindo que a natureza não deve ser vista meramente como um palco para eventos objetivos desvinculados do sujeito. Em vez disso, ele nos convida a perceber a natureza como intrinsecamente ligada à experiência humana, um tecido contínuo onde sujeito e objeto se interligam e se definem mutuamente. Essa perspectiva de Nishida não apenas questiona as premissas básicas do fisicalismo; mas também nos convida a uma reconsideração profunda de como a ciência e a filosofia concebem a natureza e a realidade.

Tendo discorrido sobre estes pontos, cabe ressaltar que as críticas de Nishida ao fisicalismo não são meras contestações teóricas; elas têm um propósito maior: salvaguardar a ontologia não-dualista, que ele vê como crucialmente ameaçada por esse pressuposto teórico do fisicalismo.

Assim, ao avançarmos para o cerne do conceito de experiência pura, nos deparamos com sua profunda investigação sobre a não-dualidade, que constitui a pedra angular de seu pensamento: “Quando se experimenta diretamente o estado da própria consciência, ainda não há sujeito ou objeto; o conhecimento e o seu objeto estão unificados. E isso é o apogeu da experiência.” (NKZ 1, 7, tradução nossa). Este é o cume, para além do qual nada mais resta a ser alcançado; o seu estado último, do qual não há mais nada a ser dito; e este estado é justamente a experiência no seu estado da unificação entre o sujeito e o objeto.

Podemos afirmar, então, que toda análise de definição de experiência pura, na sua imediaticidade, sempre volta a este ponto: uma ontologia não-dualista. Assim, ao posicionar a realidade como a experiência pura, Nishida elimina a metafísica ocidental enraizada nas noções dualistas e substancialistas. Ele apresenta uma perspectiva onde: (1) a experiência é vista como



um processo contínuo e dinâmico, não suscetível à fixação ou à cristalização, e (2) a experiência pura, essencialmente não-dualista, rejeita a separação artificial entre sujeito e objeto, promovendo uma visão da realidade como uma unidade orgânica e fluida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Nishida nos convida a repensar os fundamentos do conhecimento e da realidade a partir de uma perspectiva radicalmente diferente. Ao posicionar a experiência pura como o ponto de partida ontológico, ele nos leva a questionar as fronteiras que, tradicionalmente, separam sujeito e objeto, conhecimento e realidade, natureza e pessoas. O conceito de experiência pura, que rejeita qualquer forma de dualismo, oferece não apenas uma crítica às dualidades que moldaram o pensamento ocidental, mas também uma nova maneira de entender a relação entre consciência e mundo.

A reflexão sobre a experiência pura nos conduz a uma questão essencial: até que ponto nossas noções de realidade são moldadas por categorias mentais que introduzem separações artificiais? Se, conforme Nishida propõe, o conhecimento verdadeiro ocorre no instante em que sujeito e objeto ainda estão unificados, isso sugere que a realidade em sua essência talvez seja mais fluida e dinâmica do que nossas estruturas conceituais são capazes de captar. A abordagem de Nishida nos propõe abandonar a busca por certezas substanciais e nos abrir para uma compreensão do real que é fundamentalmente contingente e imediata.

Outro ponto importante que surge da filosofia inicial de Nishida é a ideia de que o conhecimento mais profundo da realidade não pode ser alcançado por meio da racionalização ou do distanciamento teórico, como ocorre nas ciências. Pelo contrário, ele se dá através de uma imersão direta na experiência vivida, onde o pensamento não cristalizou a realidade em conceitos. Isso nos faz refletir sobre a própria prática filosófica e científica: será que, ao tentar categorizar e explicar a realidade, estamos nos afastando dela? A experiência pura, na sua imediatividade, nos



recorda que a realidade se manifesta em sua totalidade nos fenômenos simples e cotidianos, sem necessidade de mediações complexas.

Por fim, Nishida nos oferece uma visão que não apenas desafia as bases da metafísica ocidental, mas também aponta para uma compreensão mais integrada da existência. Sua ontologia experiencial nos lembra que a realidade não está fora ou além de nós, mas é algo que emerge a cada momento, na unidade de nossa consciência com o mundo. A experiência pura, assim, não é apenas um conceito filosófico, mas uma postura existencial: uma forma de estar no mundo que se abre para a realidade em sua totalidade, sem divisões.

REFERÊNCIAS

- ARISAKA, Yoko. Experiential Ontology: The Origins of the Nishida Philosophy in the Doctrine of Pure Experience. *International Philosophical Quarterly*, v. 30, n. 2, p. 245–254, 1990.
- HUSSERL, Edmund. *Europa: crise e renovação*. 1. Ed. Editora Forense, 2014.
- ITABASHI, Yūjin. Grounded on Nothing: The Spirit of Radical Criticism in Nishida's Philosophy. *Philosophy East and West*, Volume 68, Number 1, January 2018, pp. 97-111.
- JAMES, William. A World of Pure Experience. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, v. 1, n. 20, p. 533, 1904.
- ZAVALA, Jacinto. *The Fragments Concerning Pure Experience And The Zen No Kenkyū*. 2012.
- _____. Unidade de consciência: sine qua non da experiência pura. In: NETO, Antônio Florentino; GIACOIA JR., Oswaldo (Eds.). *Budismo e Filosofia em diálogo*. 1. ed. Editora PHI, 2014.
- 井上克人 (INOUE, Katsuhito). 純粹経験の論理一が意味するもの一. *西田哲学会年報*, v. 2, p. 41–56, 31 jul. 2005.
- 板橋勇仁 (ITABASHI, Yujin). *こわばる身体がほどけるときの*. 1. ed. [s.l.]: 現代書館, 2021.
- 中村昇 (NAKAMURA, Noboru). *西田幾多郎の哲学＝絶対無の場所とは何か*. 講談社, 2019.
- 西田幾多郎 (NISHIDA, Kitaro). *善の研究*. In: 西田幾多郎 (Ed.). *西田幾多郎全集第一等*. 3. ed. 岩波書店, 1978.



_____. 心理学論義. In: 西田幾多郎 (Ed.). 西田幾多郎全集第一六等. 2. Ed. 岩波書店, 1980.

白井雅人 (SHIRAI, Massato). 井上円了『哲学一夕話』と西田幾多郎. n. 1, p. 101–108, 1 mar. 2012.

上田 閑照 (UEDA, Shizuteru). 経験と自覚 『善の研究』百周年に際して. 西田哲学会年報, v. 9, p. 23–35. 2012.

_____. 経験と自覚. 岩波書店, 1994.

_____. 西田幾多郎を読む. 岩波書店, 1995.